

UM ESBOÇO DA LEITURA PELA CONCEPÇÃO ENUNCIATIVA

A SKETCH OF READING BY THE ENUNCIATIVE CONCEPTION

Caroline de Moraes
IFRS/UCS

Resumo: O presente artigo resgata os princípios linguísticos de Saussure (2012) e de Benveniste (1989, 1995), desde as noções bases de *língua* e *fala* se estendendo às produções de *enunciado* e *enunciação*. Este trabalho tem como objetivo discutir os ensinamentos dos reconhecidos pesquisadores, a fim de refletir e estabelecer alguns primeiros passos de como se apresenta e se sustenta o *leitor* no contexto da concepção enunciativa. Para firmar esse posicionamento, parte-se da relação *eu-tu*, que é defendida pelos estudos de Benveniste (1995), aproximando esses elementos discursivos ao *leitor*, que também é observado no momento da leitura, similarmente como é feito com a relação *eu-tu*, a qual é analisada na *instância do discurso*.

Palavras-chave: Linguística; Enunciação; Leitura.

Abstract: *This article rescues the linguistic teachings of Saussure (2012) and Benveniste (1989, 1995), from the basic notions of language and speech extending to the productions of statement and enunciation. This work aims to discuss the teachings of the recognized researchers in order to reflect and establish some first steps of how the reader presents and sustains himself in the context of the enunciative conception. In order to establish this position, it is based on the self-relation, which is defended by the studies of Benveniste (1995), bringing these discursive elements closer to the reader, which is also observed at the moment of reading, similarly as it is done with the I-you relation, which is analyzed in the instance of discourse.*

Keywords: *Linguistics; Enunciation; Reading.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se pensa em estudar linguística, encontram-se primeiramente os estudos de Saussure (2012), demonstrando a relevância da noção de *valor* e de *sistema*, diante da preocupação com que o autor trabalha com a área da linguística. Em contrapartida, não menos importante, está presente Benveniste (1995), que incorpora ao estudo da linguística a relação *eu-tu*, a qual é estabelecida por meio das pessoas do discurso, não tendo correspondente com pessoas físicas e, em razão disso, a existência dessa relação se configura dentro do *enunciado*, valorizando o momento da *enunciação*.

Saussure (2012) e Benveniste (1995) são próximos em seus estudos. Desse modo, Normand

infeire que “Benveniste *encontrou* Saussure”, cuja passagem é apresentada por Flores (2013b, p. 50). Muitos são os críticos desses linguistas, entre eles destacam-se Normand (2012) e Flores (2013b), por exemplo, que contribuem e atualizam as pesquisas voltadas para a área da linguística.

Benveniste (1995, p. 104) apresenta como princípio fundamental o fato de que “a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente.” Nesse sentido, observam-se como todos os elementos que integram a língua se relacionam entre si, constituindo um sistema perfeito e utilizado por todos os sujeitos, isto é, pelo *eu* discursivo.

Em vários artigos escritos no decorrer de sua carreira, Benveniste (1995) utiliza a noção de que a atualização do discurso ocorre “na e pela linguagem”, sendo uma ideia essencial para trabalhar com a perspectiva da *enunciação*. Diante da importância estabelecida pelo linguista, compreende-se que é por intermédio da interação realizada pela linguagem que se configura o momento da leitura, tornando-a enunciativa e, assim, remetendo ao pensamento benvenistiano.

Para o melhor entendimento de leitura no contexto enunciativo, tem-se por objetivo relacionar o *leitor* ao *eu* do discurso, pensando na posição assumida enquanto leitor e enquanto locutor. Esses dois elementos são entendidos como centrais para o estabelecimento da leitura, uma vez que são responsáveis pelo acontecimento, isto é, pela realização. Se não fosse por meio do leitor, não haveria alguém lendo e progredindo no conhecimento, assim como se não fosse o *eu* discursivo, não haveria o ato enunciativo. Dessa forma, é estabelecido um paralelo entre os dois componentes trabalhados no presente artigo.

CONHECIMENTOS SAUSSURIANOS

Saussure (2012) é conhecido em função da obra *Curso de Linguística Geral*, lançada em 1916. Sobre a origem desse exemplar, Leci Barbisan e Valdir Flores confirmam que “o livro foi organizado por pessoas que não ouviram as aulas do mestre e que se basearam tão-somente nas notas dos cadernos dos alunos de Saussure” (NORMAND, 2012, p. 8). Nessa perspectiva, pode-se entender o estudo da *língua* que se faz por meio da própria língua.

É com Saussure (2012) que há o reconhecimento da diferença entre *língua* e *fala*, mesmo entendendo que as duas são indissociáveis, em razão de que uma existe em função da outra. Então, a oposição está presente no fato de que a *língua* abriga a noção de social, uma vez que ela evolui com a comunidade, podendo ser repetível em diferentes ocasiões de comunicação. Saussure (2012, p. 41) define *língua*, afirmando que “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Por outro lado, a *fala* constitui-se pelo individual, firmando-se no uso da língua, ou seja, na produção. Logo, a *fala* não é repetível, sendo de fato a entidade concreta. Para a noção de *fala*, Saussure (2012, p. 45) a apresenta como “um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir:

1º – as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º – o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações”.

Outros estudos estão cercados dos subsídios que remontam à *fala*. Um exemplo é o artigo sobre fonema de autoria de Milano (2016). Nesse estudo, a autora determina que “é porque o elemento fônico engata-se com os elementos que o antecedem e o sucedem na fala que ele ganha valor na escuta que o outro oferece.” (MILANO, 2016, p. 73). Nesse caso, observam-se os elementos mínimos, como os sons, avançando para a posição de signos, entendendo que os fonemas produzidos, de forma conjunta, podem expressar uma situação de *fala*.

Na introdução da obra de Normand (2012), escrita por Barbisan e Flores, os autores ressaltam as características de criação e de liberdade atribuídas à *fala*, observando que a *fala* está numa posição subordinada à *língua*. Assim, ao se referir às características que compõem a *língua* e a *fala*, aborda-se também o que constitui o *texto* e o *discurso*, respectivamente. Com isso, associa-se o *texto* com a *língua*, por estar também no plano da abstração e ser portador da significação, ao passo que o *discurso* estará coligado à *fala*, por ser irrepetível e por ser realizável a cada momento, sustentando-se no uso, ou seja, na prática.

Em *Escritos de Linguística Geral*, a discussão se direciona para a noção de *discurso*. Saussure (2004) infere sobre a aproximação entre a *língua* e o *discurso*, realçando que a *língua* é criada em função do *discurso*. Nesse contexto, o linguista prevê o princípio da *enunciação* desenvolvida posteriormente por Benveniste. De acordo com Saussure (2004), o *discurso* compreende a fusão de dois conceitos apresentados por meio da forma linguística, sendo a *língua* articulada a conceitos isolados colocados em relação entre si, com a finalidade de estabelecer uma construção de sentidos.

Outra importante contribuição abordada por Saussure (2012) é a noção de *signo*, que é formado por um significante e um significado e, independentemente de qual seja o *signo* trabalhado, todos são compostos pelos dois elementos. Saussure (2012, p. 107) define *signo* como “a combinação do conceito e da imagem acústica”. Essa relação entre significante e significado é conhecida como “relação interna” e não pode ser analisada de maneira separada. Os dois elementos são fundamentais um ao outro, em função de que ambos formam o *signo*. O *signo linguístico* explicita o que os outros *signos* não são, por isso é importante reconhecer que o *signo* é abstrato, confirmando que vive de combinações e associações constantes. Portanto, o *signo linguístico* não significa, devemos entender que o *signo linguístico* vale, logo, ao *signo* é atribuída uma noção de *valor*.

O conceito de *valor* é a caracterização por Saussure (2012). O *valor* é estabelecido na relação de oposição com o outro, ocorrendo uma correlação, isto é, uma combinação, entre diferentes signos dentro de um mesmo sistema linguístico. A título de exemplificação, podemos pensar no *signo* “para”, que poderá receber valores diferentes, de acordo com o contexto em que estiver inserido; vejamos os exemplos:

- (a) “A menina não *para* de brincar”, e
- (b) “A menina fez um cartão *para* sua mãe”.

Em (a) o *signo* “para” é entendido como o valor de uma ação realizada pela personagem, ao passo que em (b) o *signo* “para” recebe um *valor* diferente, sinalizando o destino que será dado ao

cartão. Essa noção de *valor* só se torna possível de reconhecimento devido à relação estabelecida com os demais signos que compõem o discurso. E, pensando mais à frente, o leitor deverá ser capaz de identificar e correlacionar, minimamente, os diferentes elementos encontrados no discurso para atribuir-lhes diferentes “valores”.

Saussure (2012) ainda expõe dois fatores essenciais para a composição da noção de *valor*, são eles: “1º – por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; / 2º – por coisas *semelhantes* que podem comparar com aquela cujo valor está em causa” (SAUSSURE, 2012, p. 162 – grifos do autor). Nesse sentido, o linguista exemplifica com o uso da moeda de cinco francos, que pode ser utilizada para comprar determinados elementos e também tem um valor semelhante a qualquer outra moeda. Essa associação é correlacionada com a troca de uma palavra por outra, ou seja, por outro elemento da mesma natureza.

Outro exemplo exposto por Saussure (2012) trata da imagem da partida de xadrez em comparação à representação da língua, e assim tem-se a dinâmica do xadrez e a dinâmica da língua. Depecker (2012) evidencia que é trabalhada a imagem da partida de xadrez e não o jogo de xadrez propriamente dito, diferenciando a partida, que é dinâmica; e o jogo, que é estático. Em suma, Saussure (2012, p. 164) esclarece que

quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.

Os críticos Barbisan e Flores ressaltam o *valor* como “um grande terceiro” elemento e mostram sua relevância para os estudos linguísticos, afirmando que o *valor* é “o conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure” (NORMAND, 2012, p. 9). Nesse aspecto, tem-se claramente a contribuição para a pesquisa na área da linguística com a concepção de *valor*.

ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE

Émile Benveniste traz o estudo da enunciação linguística por meio das conhecidas obras *Problemas de Linguística Geral I* (1995) e *Problemas de Linguística Geral II* (1989)¹. Benveniste é considerado por pesquisadores como um exemplo de autor da língua, das línguas e também da linguagem. O linguista é reconhecido por suas teorias que primam pela exploração da relação *eu-tu* discursivos, apresentando também o *ele* no quadro figurativo, como a não-pessoa. Nesse artigo nos pautaremos em específico na relação *eu-tu*, para analisar e considerar a posição do leitor.

Benveniste (1995) contribui significativamente com teorias já consagradas por Saussure (2012). Ambos os autores partem da mesma ideia de *signo*, isto é, eles observam o *signo* como imotivado. Pode-se acrescentar que o *signo* é uma entidade psíquica formada por um *significante*, que é a imagem

¹ Nesse ponto, ressalta-se que o pensamento de Benveniste não está limitado somente aos textos publicados nas duas obras referidas.

acústica; e por um *significado*, que é o conceito. Além disso, Saussure (2012) salienta a constituição pela arbitrariedade, pertencente ao nível abstrato e seu *valor* é reconhecido pela vinculação de oposição com os demais *signos*.

Nesse âmbito, no artigo *Natureza do signo linguístico*, de 1939, pertencente à obra *Problemas de Linguística Geral I*, Benveniste (1995, p. 55 - grifo do autor) registra que “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é *necessário*”. Nesse aspecto, é constituída uma relação de *necessidade* entre os dois elementos que compõem o *signo*, sendo essa relação de *necessidade* essencial para a existência da língua.

Quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os seus elementos. Tudo aí é tão *necessário* que as modificações do conjunto e do pormenor se condicionam reciprocamente. A relatividade dos valores é a melhor prova de que dependem estreitamente uns dos outros na sincronia de um sistema sempre ameaçado, sempre restaurado. Isso se deve a que todos os valores são de oposição não se definem a não ser pela sua diferença. Opostos, conservam-se em mútua relação de necessidade. (BENVENISTE, 1995, p. 59 – grifo do autor).

Em *A natureza dos pronomes*, de 1956, o linguista trabalha com a relação do *eu-tu* discursivos. Essa relação é analisada dentro do discurso, por isso atenta-se para a noção de “no discurso” e, sendo assim, o *eu* que é visto como um dos elementos principais do discurso. Trata-se de uma categoria que só existe “no discurso”, no momento de dizer, retendo valor somente na relação com o *tu*. Em resumo, ocorre essa correlação mútua: por um lado, o *eu* precisa do *tu* para existir, não há um *eu* solitário porque sua existência depende do *tu*; por outro lado, o *tu* é a correspondência do *eu*, não existindo sem um *eu* que o solicite.

Nesse mesmo artigo, Benveniste (1995, p. 278, grifo do autor) argumenta que “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal”; em consequência dessa afirmação, confirma-se que o *eu* do discurso não tem ligação ou relação com o “eu”, pronome pessoal do caso reto, estudado na gramática. Esse aspecto acerca do sujeito também é problematizado e abordado por Flores (2013a), em estudo que tem como objetivo:

identificar em Benveniste princípios que, mesmo não admitidos pelo autor, autorizariam falar em sujeito (ao qual, creio, se poderá acrescentar o restritivo da enunciação); de outro lado, busca reinterpretá-los, estendendo-os a uma outra perspectiva de análise do fatos de língua, a da sintaxe da enunciação. (FLORES, 2013a, p. 98).

Em outro estudo, Flores (2013b, p. 57) menciona que “Benveniste distribui os signos em dois grupos de naturezas distintas; algo que não é evidente aos olhos de Saussure, mas que não é, também, contrário ao que está posto em Saussure”, de forma que esses grupos são conhecidos por *signos plenos* e *signos vazios*. Sobre esses dois elementos considera-se como *signo pleno* a relação reconhecida por contraste com outros elementos; já para *signo vazio*, compreende-se ao momento da enunciação, que é único, tendo como referência o sujeito falante dentro da instância do discurso. Por sua vez, há um

avanço ao apresentar a *enunciação* com base na instância discursiva, relacionando *eu* e *tu* discursivos. Nesse contexto, evidencia-se o ponto de vista da leitura, objeto de estudo do presente artigo, que, por intermédio da enunciação, viabiliza o alcance de inúmeras possibilidades de construções de sentido.

No artigo *A forma e o sentido da linguagem*, de 1966-1967, encontrado no livro *Problemas de Linguística Geral II*, Benveniste (1989) acrescenta a ideia de que o *signo* precisa ter existência, ou seja, precisa ter uso dentro da *língua*. Dessa maneira, Benveniste (1989, p. 227) salienta que “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua”. Segundo essa colocação, há o reconhecimento de que o *signo* é percebido pelo uso, ou seja, o falante atualiza o *signo*. Na introdução da obra de Normand (2012, p. 15, grifos dos autores), Barbisan e Flores destacam que “Benveniste, contrastando com a Linguística centrada na *forma*, traz de volta o *sentido* e, através de uma metodologia de análise da forma, estabelece um novo domínio: o do *discurso*”.

Em outro artigo, *Da subjetividade na linguagem*, de 1958, entende-se que por meio do discurso ocorre a *subjetividade*, já que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 1995, p. 285). Logo, a linguagem está presente no homem. Benveniste (1995, p. 285) complementa que “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”. Portanto, é com o uso da linguagem que o homem se constitui enquanto ser, enquanto sujeito, obtendo uma identidade através do *eu*, agindo na realidade como um sujeito falante. Assim, aproximam-se dois elementos importantes para o presente estudo: *sujeito* = *subjetivo*. E, por que não, o sujeito como um leitor? Acredita-se que o *leitor* seja um sujeito constituído pela subjetividade e relacionado diretamente ao *eu* discursivo.

Benveniste (1995) explora a relação *sujeito* e *subjetividade*:

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora essa “subjetividade” [...] não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. (BENVENISTE, 1995, p. 286 – grifos do autor).

Diante do exposto, formula-se a ideia de que a *subjetividade* constitui, sim, o *sujeito* e, mais ainda, o sujeito é representado pelo *eu* discursivo, conforme Benveniste (1995, p. 286 – grifos do autor) apresenta “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.” Essa noção de *eu* só é possível pelo âmbito do contraste ao se entender que o *eu* necessita do contraste pelo *tu*, e o *tu* necessita do contraste do *eu*, ocorrendo uma relação de reciprocidade, sendo complementares e reversíveis um ao outro.

Em relação ao artigo *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste (1995) efetua considerações acerca do *eu*:

eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o

locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que [...] chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (BENVENISTE, 1995, p. 288 – grifo do autor).

A temporalidade também é observada nesse estudo, surgindo com o uso do *presente* como o marco zero, não precisando ser marcado no discurso, uma vez que o discurso se faz no tempo presente. Assim como ocorre na leitura, acredita-se que o momento em que se está lendo um texto é pertencente ao agora do leitor, agregando conhecimentos ao momento em que o leitor se encontra. Por isso, esse momento de leitura é o princípio em que ocorre a transformação do leitor, em que o indivíduo prioriza o seu conhecimento e alimenta a sua sabedoria, primando pelo gosto e pela constituição de seu ser.

Para analisar a concepção de temporalidade, Benveniste (1989) esclarece no artigo *A linguagem e a experiência humana*, de 1965, o *tempo linguístico* como sendo o tempo em que se está realizando o discurso. O autor deixa registrado que

na realidade a linguagem não dispõe senão de uma única expressão temporal, o presente, e que este, assinalado pela coincidência do acontecimento e do discurso, é por natureza implícito. [...] A língua deve, por necessidade, ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente a instância do discurso. (BENVENISTE, 1989, p. 75).

Benveniste (1995, p. 289) explica as diferenças entre linguagem e discurso, inferindo que “a linguagem é [...] a possibilidade subjetiva, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas”. Ao correlacionar *subjetividade* e *instância do discurso*, compreende-se que é um *eu* que fala para um *tu* sobre o que acontece num *aqui* e *agora*, reportando ao *tempo presente*, ao tempo da realização, confirmando-se uma atualização do discurso. Nesses casos, é interessante deixar explícito que a instância do discurso é exclusivamente linguística, registrando o momento da atualização e não remetendo ao plano fora do linguístico.

Os conceitos embasados por Benveniste são interligados e correlacionados. Flores (2013a, p. 108) destaca essa amplitude, afirmando que “a noção de *pessoa* é, ela mesma, constituída pela reciprocidade: o dizer que implica a subjetividade também implica a intersubjetividade. Disso decorre a dualidade e a indissociabilidade da noção de *pessoa*.” (grifos do autor). Diante disso, não podemos trabalhar com elementos de forma isolada, porque todos os aspectos existem em detrimento do contexto, considerando a totalidade de fatores que estão envolvidos.

O artigo de Benveniste (1989) *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, abrange as considerações sobre os elementos da *enunciação*, que são: o próprio ato, as situações e os instrumentos, correspondendo ao *sistema* trabalhado por Saussure (2012). De certa forma, aproxima-se o *enunciado* de Benveniste

(1989) com a *fala*, de Saussure (2012), estabelecendo uma correspondência entre ambos. Barbisan e Flores, na introdução da obra de Normand (2012), com base em Benveniste (1989), definem como “*aparelho formal da enunciação* [...] um dispositivo que as línguas têm e que é disponibilizado pela estrutura mesma da língua para a atualização que o locutor faz do sistema no uso para propor-se como sujeito.” (NORMAND, 2012, p. 17, grifos dos autores). Logo, entende-se que o *aparelho* é constituído pela *língua* e possibilita a *fala*.

Para a definição de *enunciação*, há o reconhecimento como um elemento único e irrepetível, sendo notado como o ato e o processo de colocar a língua em funcionamento, isto é, o processo que parte das possibilidades da *língua* até o momento em que é produzido o *enunciado*. Benveniste (1989, p. 82) apresenta como sendo a atribuição da *enunciação* “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”; por isso, a *enunciação* está em consonância com a *instância discursiva*, uma vez que trabalha com a relação *eu-tu* sobre um *ele*, considerado a *não-pessoa*, demonstrando elementos que ocorrem no momento da fala.

No artigo *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1989) reconhece o ato individual que determina o locutor, e este, por sua vez, suscita algum retorno de um interlocutor. Ao partir do princípio de que um locutor mantém a relação com um alocutário, correlaciona-se a relação *eu-tu*. Essa última relação é produzida “na e pela enunciação”, ou seja, o *eu* na posição de locutor e o *tu* na posição de alocutário. Em estudo sobre esse artigo, Barbisan e Flores argumentam que “o emprego da língua é um mecanismo relativo a toda a *língua* através da *enunciação*, da qual o discurso é uma manifestação. [...] A *enunciação* [...] é o ato de produzir o *enunciado*. [...] Pela *enunciação* a *língua* se converte em *discurso*.” (NORMAND, 2012, p. 16, grifos dos autores).

Benveniste (1989) retoma a noção temporal, atribuindo ao *presente* o elemento próprio do momento da *enunciação*.

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. [...] O homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. [...] O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso. (BENVENISTE, 1989, p. 85 – grifo do autor).

O ato de *enunciação* tem origem no *eu* e se finaliza no *tu*, passando por diferentes elementos que o constitui. Em função disso, ao correlacionar a *enunciação* com a leitura, pergunta-se: No ato de ler, quem é o *eu*? A resposta para esse questionamento e a relação de equiparação é defendida e apresentada no fechamento deste estudo.

A LEITURA SOB O ÂNGULO DA ENUNCIÇÃO

Para entender a leitura com vistas à *enunciação*, retoma-se a última pergunta: “No ato de ler,

quem é o *eu*?” Para respondê-la, entende-se que o *eu* é o responsável pela *instância do discurso*, isto é, pela ocorrência do ato da fala. Benveniste (1989, p. 75, grifo do autor) já considerava que “o locutor situa como ‘presente’ tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega. Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido”.

Em detrimento dessa contribuição do *eu*, quer-se associar a leitura ao momento do *discurso*, uma vez que, ao ler, o *eu* está renovando aquilo que está escrito e, em razão disso, torna essa leitura um momento único e irrepetível, da mesma forma como acontece com a *enunciação*. Mesmo que o leitor releia o mesmo material textual diversas vezes ou em momentos distintos de sua vida, teremos um novo momento de enunciação e pode-se pensar que esse leitor, isto é, esse *eu*, já não é mais o mesmo do momento anterior.

Em estudo, Ferreira e Teixeira (2009, p. 45, grifos das autoras) pesquisam sobre o ato enunciativo na sala de aula, abordando que “não há domínio absoluto sobre o sentido, pois o sentido não é dado pelo texto, ele é produzido por aquele que lê, no *aqui* e *agora* em que se dá a leitura e que é um momento sempre novo irrepetível.” Por isso, se estabelece uma contribuição significativa para a ideia de que a cada nova leitura ocorre a mesma realização que ocorreria em uma *enunciação*, relacionando a *leitura* e a *enunciação*.

Pode-se exemplificar essa ideia pelo viés de um leitor adolescente que, ao ler uma obra literária, terá um conhecimento específico e, assim, ele fará uma leitura condizente com a idade e a experiência de vida que possui. No entanto, em outra ocasião, esse mesmo leitor na fase adulta, ao ler a mesma obra lida na adolescência, certamente terá uma leitura diferenciada da anterior, tendo em vista os conhecimentos adquiridos com o passar dos anos. Segundo Naujorks (2011, p. 95), “o leitor-locutor se faz sujeito-leitor que produz, no processo de leitura, um novo enunciado, que será cada vez único, não importando o número de leituras feitas, pois aí intervêm o tempo e o espaço de cada leitura feita.” Em resumo, podemos afirmar que a cada nova leitura, o *leitor* será único, da mesma forma que se configura o *eu* no momento do *discurso*, ou seja, nunca é o mesmo.

Diante disso, afirma-se que o *leitor* corresponde ao *eu* discursivo. De acordo com as suas leituras, mesmo que o leitor e o material linguístico sejam os mesmos, não há o mesmo ato *enunciativo*, assim como não há a mesma leitura. Em síntese, há a premissa de associar o *leitor* ao *eu* discursivo; e a *leitura* ao momento da *enunciação*.

O momento da leitura é correlacionado, primeiramente, a duas concepções: com a *fala* em Saussure (2012) ou ainda com o *discurso* em Benveniste (1989). Outro paralelo que pode ser estabelecido está entre o momento da leitura e a *enunciação* encontrada em Benveniste (1989), com vistas aos elementos do aparelho formal da enunciação. Dessa forma, é com o conhecido artigo *O aparelho formal da enunciação* que Benveniste (1989) apresenta a noção de *apropriação*.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 1989, p. 84 – grifo

do autor).

Para trabalhar com a ideia de apropriação, Barbisan e Flores retomam os estudos de Benveniste (1989) e vão além, ao salientar que:

A enunciação [...] é um processo de apropriação: o locutor se apropria do aparelho formal da língua e se enuncia. O ato de apropriação estabelece o locutor em seu discurso. [...] Ao se apropriar do aparelho formal, o locutor refere e torna significantes as palavras vazias da língua, colocando-se na posição de locutor e instaurando o interlocutor, o espaço e o tempo em seu discurso. (NORMAND, 2012, p. 16 - grifos dos autores).

Com o auxílio dos estudos de Benveniste (1989 e 1995), após a explanação de apropriação da *enunciação*, entende-se, novamente, que o *eu* responsável pelo *enunciado*, ocupará o papel do *leitor*, por meio da apropriação do texto. Nessa configuração, o *leitor* se relaciona com o *texto*, da mesma forma que o *eu* se relaciona com a *enunciação*, e, pensando de maneira mais ampla, acredita-se que o *leitor* está ligado ao ato *enunciativo*, partindo do pressuposto de que ele se apropria dos elementos lidos.

Durante a prática da leitura é como se o *leitor* estivesse falando consigo mesmo, isto é, a leitura pressupõe uma fala interior, uma vez que ao ler o *eu* interage com o texto lido, se tornando *eu* e *tu* ao mesmo tempo. Nesse sentido, o leitor é um *eu*, pois ele é o *locutor* do texto, assim como é um *tu*, porque ele recebe o retorno da leitura, refletindo consigo mesmo.

Nesse aspecto, define-se o *leitor* como o *eu*. Então, tem-se a denominação: *eu-leitor*, colocando os dois no mesmo patamar, em igualdade. Além de assumir-se como *eu*, o leitor avança na prática da leitura e se posiciona também como o *tu* discursivo. O *leitor*, ao refletir sobre o lido, tendo como resposta a si, diante das mudanças que a leitura causa, assume o papel de *tu* discursivo em resposta ao texto, ou seja, o próprio leitor é também o *alocutário* da sua leitura e, sendo assim, tem-se a denominação: *tu-leitor*.

Acerca da leitura em consonância com a enunciação um estudo bastante relevante para o presente artigo é a tese de doutorado de Naujorks (2011). A pesquisadora parte dos ensinamentos de Benveniste e associa a leitura a uma forma de enunciação, devido às possibilidades de interpretação. Desse modo, o leitor também é analisado, entendendo que

em um primeiro momento, o locutor-leitor se apropria do enunciado e, com ele, coloca-se em uma relação de diálogo. O locutor [...] dialoga com o enunciado, o texto. Não seria absurdo, portanto, considerar que, ao menos em certo sentido, o enunciado é um “tu” da relação “eu-tu”. O enunciado, nesse processo, é um tipo de interlocutor. É com ele que o locutor-leitor estabelece uma troca propondo-se como sujeito, o sujeito-leitor. (NAUJORKS, 2011, p. 92 – grifo da autora).

Diante disso, o processo de leitura infere um leitor que está em constantes alterações, partindo de um locutor-leitor, e por que não um *eu-leitor*, evoluindo para um sujeito-leitor. De acordo com Naujorks (2011), o leitor sempre ocupará a posição central, compreendendo que é o construtor das diversas situações em que dialoga com o texto, possibilitando diferentes encadeamentos de sentido.

Valério e Toldo (2012) evidenciam a concepção de *leitor-locutor* por intermédio de um material

linguístico, *blog*, que foi objeto de estudo, à luz dos ensinamentos de Benveniste (1989). Dessa forma, aproximam-se o *eu-leitor* proposto nesse artigo e o *leitor-locutor* definido pelas pesquisadoras. Na pesquisa efetuada, é trabalhado com a noção de que “*eu* é constitutivo de *nós*”, provando no texto do *blog* a afirmação elaborada: “Tanto que o locutor (co)relaciona esses elementos, empregando ora *eu*, era *nós* [...], convertendo a língua em discurso, transformando-a em enunciação.” (VALÉRIO; TOLDO, 2012, p. 164 - grifos das autoras).

Em outro estudo, as pesquisadoras retomam as bases de Benveniste e reforçam que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, o que a torna única” (VALÉRIO; TOLDO, 2016, p. 30). Nessa circunstância, é reforçada a presença do *eu* na realização da experiência humana, acontecendo no momento da enunciação, em virtude do tempo que a atualiza. O estudo também destaca o tempo, correlacionando-o à pessoa e notando que a cada leitura textual pode-se produzir uma enunciação.

De acordo com o exposto, o *eu-leitor*, aqui fundamentado, quando estiver interagindo com o texto, constitui uma ligação completa com material linguístico. Assim, o *eu-leitor* poderá dividir o sentimento das personagens e vivenciar a narrativa contada sob todos os ângulos possíveis. Dessa maneira, afirma-se que os três elementos que compõem o *aparelho formal* estão presentes também na *leitura*. Primeiramente, na ideia de que o *leitor* vive um instante singular no ato da *enunciação*, que a linguagem permite, quando lê determinado texto; em seguida, entende-se que ele pode se reconhecer numa situação de leitura, estabelecendo uma relação com a situação com que o ato de enunciação se realiza e, por último, quando o *leitor* tem domínio dos instrumentos necessários para a realização da *leitura* e da *enunciação*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando de linguística, tem-se a obrigatoriedade de discutir e conhecer os estudos de Saussure (2012) e Benveniste (1989 e 1995), observando a associação positiva estabelecida entre os dois pesquisadores, que corroboram com a estabilidade dos estudos da linguística. Esse aspecto também é mencionado na introdução da obra de Normand (2012, p. 18, grifos dos autores) por Barbisan e Flores, quando estabelecem uma aproximação entre os dois linguistas, ao afirmarem que “a linguística de Benveniste conserva muitos aspectos oriundos da linguística saussuriana. O principal deles é, sem dúvida, a noção de *sistema* e, por essa, a noção de *valor*.” Diante disso, há uma constante preocupação e continuação com os estudos da linguística, posto que os pesquisadores estejam em incessantes análises.

A partir desse breve esboço, tendo como base os estudos linguísticos, buscou-se uma reflexão de ideias e conceitos, coligando os princípios de *enunciação* e de *leitura*. Nesse contexto, sabe-se que estas são apenas as primeiras conjecturas acerca de um assunto que precisa ser discutido e pesquisado constantemente. No entanto, os materiais que corroboram a *enunciação* com o ato da *leitura* necessitam de aprimoramento permanente, uma vez que a leitura está presente em inúmeras situações e momentos da vida. Em resumo, constata-se como a leitura pode ser associada favoravelmente a diferentes fatores

educacionais, inclusive, aos momentos e circunstâncias de ensino em sala de aula, proporcionando muitas construções de sentido, em virtude da enunciação.

Com o foco direcionado ao *leitor*, correlacionando-o da mesma forma ao *eu* discursivo e, após, entendendo que o *leitor* também pode constituir-se como o *tu* discursivo, compreende-se um dos principais elementos estabelecidos nos estudos de Benveniste (1995), conciliando-os para o âmbito da leitura. Com essas agregações, apresentam-se as concepções de *eu-leitor* e de *tu-leitor* para a relação entre *eu-tu* discursivos. No contexto educacional, a leitura mediante a relação *eu-leitor* e *tu-leitor*, pelo viés enunciativo, apresenta-se pertinente em razão de que os leitores se reconheçam em transformação, ou seja, alternando de posição a cada ato enunciativo.

Além disso, salienta-se a relevância do artigo de Benveniste (1989) *O aparelho formal da enunciação*, último texto escrito pelo autor, a pedido de Todorov. Esse texto contribuiu positivamente para a elaboração e para as considerações estabelecidas na nossa discussão, conciliando informações imprescindíveis para a relação da *enunciação* com a *leitura*. O artigo de Benveniste (1989) é relevante para diversos estudos que abordam aspectos da linguística, sendo que esse texto contribui fortemente para o tema discutido e é destinado para os linguistas. Aliás, o artigo de Benveniste (1989) é singular ao apontar alguns indícios de construção metodológica sobre o aparelho formal da língua. Nesse contexto, destaca-se que os aspectos de *enunciação* e de *leitura* nunca estão esgotados, a propósito há muito para explorar e discutir acerca da importância da efetiva leitura, a qual a educação carece tanto.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERREIRA, Sabrina; TEIXEIRA, Marlene. Leitura em sala de aula: um ato enunciativo. In: GOMES, Neiva Maria Tebaldi; GOMES, Leny da Silva. *Teorias de linguagem e práticas de sala de aula: um diálogo possível*, caderno do III colóquio sobre ensino de língua e literatura. Porto Alegre: UniRitter, 2009. p. 41-64.

FLORES, Valdir N. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *DELTA* [online]. v. 29, n. 1, p. 95-120. 2013a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 jan. 2018.

_____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013b.

MILANO, Luiza. O Que Cabe em um Signo Linguístico: O Caso do Fonema. *Revista Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, 17 (1). p. 67-78, Recife, Jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2095/0>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

NAUJORKS, Jane. *Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*. 2011.

(Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37440/000820996.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

VALÉRIO, Patrícia da Silva; TOLDO, Claudia Stumpf. A subjetividade: um olhar enunciativo sob o gênero *blog*. *Revista Intercâmbio*. v. XXVI, p. 154-169. São Paulo: LAEL/PUCSP, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/15181/11323>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. Tempo e pessoa: categorias que singularizam no uso da língua. *Antares: Letras e Humanidades*, v. 8, n. 15, p. 29-47, Jan./Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/4397/2531>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Caroline de Moraes

Doutoranda no Programa de Doutorado em Letras - Associação Ampla UCS/UniRitter na Universidade de Caxias do Sul. Bolsista Capes. Atua como Professora no IFRS, Campus Vacaria. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (2009). Especialista em Educação a Distância pela Universidade Norte do Paraná, UNOPAR (2013). Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (2007).

Enviado em 30/05/2018.

Aceito em 30/08/2018.